

2 Déficit resiste às ações temporárias

BRASÍLIA — Desde que, há cinco anos, foi proibido de emitir moeda para pagar despesas de pessoal, o Governo tornou-se dependente para financiar seu déficit, estabelecendo uma das situações econômicas mais esquizofrênicas do planeta. Em outras palavras, esse é o diagnóstico de Bacha para a crise fiscal brasileira, que mistura o manejo da teoria econômica com informações exclusivas sobre a mecânica de execução orçamentária.

“Como o déficit potencial inicial é aparentemente muito grande e as despesas são pelo menos parcialmente indexadas, é preciso uma inflação muito elevada para viabilizar o equilíbrio nas contas públicas” explica. Segundo suas pesquisas, a inflação ajuda de duas formas para reduzir o “déficit potencial”: 1. além de subestimadas, as despesas são comidas pelo “imposto inflacionário” (redução de seu valor real no final de um determinado período de tempo), enquanto as receitas pouco sofrem por estarem indexadas. A diferença entre uma e outra financia o déficit; 2. Se conseguirem escapar da situação anterior, dificilmente fugirão de um forte controle de caixa exercido pessoalmente pelo ministro da Fazenda, o que inclui inclusive a transferência da liberação de verbas para o exercício seguinte.

Para desbastar o déficit potencial, o Governo tem submetido as despesas a uma repressão fiscal temporária como, por exemplo, o arrocho salarial, lembra Bacha, acrescentando que esse recurso tem fracassado porque os agentes econômicos sabem que ele tem validade temporária.